

— Você pode dar um herdeiro aos Chatterleys e botar outro baronete em Wragby, opinou Sir Malcolm com um sorriso meio sensual.

— Mas creia que não tenho nenhuma vontade disso, retardargüiu Constance.

— Por que não? Está encadeada ao outro? Pois bem, Connie, se quer que diga o que penso, ouça. O mundo não pára; Wragby subsiste e continuará a subsistir. O mundo é mais ou menos fixo e nós forçados a adaptar-nos a ele, na aparência. Pessoalmente podemos fazer o que nos apraz. As emoções são instáveis. Você pode amar a um homem este ano e amar a outro o ano que vem. Mas Wragby é fiel a você. Quanto ao resto, proceda como quiser. Mas para que isso de escândalo? Poderá romper com tudo, se quiser, pois tem do que viver. Mas para quê?

Sir Malcolm sorria ainda. Constance nada replicou.

— Espero que você tenha escolhido um homem de verdade, disse-lhe ele em seguida, com a sensualidade desperta.

— Sim, foi o que se deu — e aí está o embaraço. Porque não há muitos homens de verdade na nossa classe.

— Não, por Deus, que não os há, Connie! E quem olha para você, inveja o escolhido. Mas espero que dele não venham aborrecimentos.

— Oh! não. É que me deixa totalmente senhora de mim mesma.

— Claro. Todo homem verdadeiro procede assim.

Sir Malcolm estava satisfeito. Constance era a sua filha predileta, em quem sempre amara a mulher nela adivinhada. Constance puxava pouco de sua mãe, e, além disso, nunca teve amor por Clifford. E, contente, Sir Malcolm mostrou ternura para a filha, como se o feto a gestar-se fosse dele.

Acompanhou-a até o Hotel Hartland, e depois de acomodá-la foi para o clube, já que Constance lhe dispensava a companhia para a noite.

Constance encontrou no hotel uma carta de Mellors. "Não posso chegar até aí, mas espero-a na Rua Adam, diante do Golden Cock, às sete."

E, com efeito, lá o encontrou, esgalgo e fino, muito diferente de aspecto em seus trajes londrinos. Havia nele uma

distinção natural, embora lhe faltasse o ar sob medida dos homens da alta sociedade. Mas Constance sentiu imediatamente que era um homem de entrada aberta onde quer que se apresentasse. Tinha um equilíbrio natural, coisa que vale muito mais que o corte mundano sob medida.

— Ah! Como está bem, disse ele.

— Sim, mas você mudou.

Ela perscrutava ansiosamente o seu rosto. Mellors emagrecera, tinha as maçãs salientes. Mas sorria-lhe com os olhos e ela se sentiu imediatamente à vontade. Súbito o esforço de manter as aparências cedeu em Constance. Algo físico emanava dele, que lhe dava, a ela, o sentimento íntimo do bem-estar, do feliz, do "à vontade". Seu instinto de mulher em procura da felicidade advertiu-a dessa felicidade. Nem todo o sol de Veneza a aquecia tanto como a presença daquele homem.

— Que horror o que houve, não? disse-lhe ela depois que se sentaram à mesa, um defronte do outro.

Mellors emagrecera bastante. Constance o observava agora. Sua mão pousava sobre a mesa com o abandono dum animal adormecido — a mesma atitude de mão que já conhecia. Constance teve vontade de tomá-la e beijá-la, mas não ousou.

— Horrível esta gente que nos rodeia, disse-lhe ele.

— Sofreu muito?

— Aborreci-me, como sempre me aborreço — mesmo sabendo que é tolice aborrecer-se.

— Não teve a sensação de cachorro com lata ao rabo? Clifford disse-me em carta que você lhe deu essa impressão.

— Talvez tenha tido.

Constance nunca soube do amargor que aquelas palavras lhe causavam.

Houve uma pausa larga.

— Sentiu falta de mim?

— Gostei que estivesse afastada do escândalo.

Nova pausa.

— Mas acreditará o povo que realmente há algo entre nós? perguntou Constance.

— Não. Para mim, não.

— E Clifford? Teria acreditado?